

ALEXANDRE PATRICIO
DE ALMEIDA

PSICANÁLISE
DE

BOTEÇO



O INCONSCIENTE
NA VIDA COTIDIANA

PAIDÓS

**ALEXANDRE PATRICIO
DE ALMEIDA**

**PSICANÁLISE
DE
*BOTECO***

**O INCONSCIENTE
NA VIDA COTIDIANA**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Alexandre Patricio de Almeida, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Valquíria Matioli
Revisão: Paula Craveiro e Alanne Maria
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa e ilustrações: Estúdio Insólito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida, Alexandre Patricio de
Psicanálise de boteco: o inconsciente na vida cotidiana /
Alexandre Patricio de Almeida. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
224 p.


ISBN 978-65-5535-832-2

1. Psicanálise I. Título

22-2898

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

 Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário

—	
Prefácio	9
Problematizações do cotidiano numa psicanálise para não iniciados	
Prólogo	13
<i>A psicanálise é pop?</i>	
Introdução	17
Capítulo 1	45
Psicanálise na graduação de psicologia	
Capítulo 2	85
Configurações do narcisismo	
Capítulo 3	125
<i>A filha perdida</i> : reflexões psicanalíticas	
Capítulo 4	153
A síndrome do impostor e a psicanálise	
Capítulo 5	171
Amar é dar aquilo que não se tem a alguém que não o quer	
Parte bônus	193
—	

PAIDÓS



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Capítulo 1

—

Psicanálise na graduação de psicologia

—

Para início de conversa: um mergulho na história

Cego é o que fecha os olhos
e não vê nada.

Pálpebras fechadas, vejo luz.
Como quem olha o sol de frente.

Uns chamam escuro
ao crepúsculo
de um sol interior.

*Cego é quem só abre os olhos
Quando a si mesmo se contempla.¹*

Em 1919, Freud publica um texto que, embora curto, traz consigo reflexões bastante vigorosas. Trata-se do ensaio “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?”.² Nas linhas que se seguem, tentarei resumir as ideias que ele propõe nesse artigo, tecendo algumas considerações aqui e acolá com o contexto atual acerca da *transmissão psicanalítica* – principalmente depois da

¹ Couto, M. (2016). *Poemas escolhidos* (p. 73 [grifo nosso]). São Paulo: Companhia das Letras.

² Freud, S. (2010). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: S. Freud. *Obras completas: história de uma neurose infantil* (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (Vol. 14, pp. 377-381) (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras (obra original publicada em 1919). ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

explosão desse assunto nas redes sociais, que ocorreu durante e pós-quarentena.

Bom, logo de início o autor é bem claro: a inclusão da psicanálise no currículo universitário certamente seria um motivo de satisfação e orgulho aos psicanalistas, mas, ao mesmo tempo, é evidente que o psicanalista *pode prescindir da universidade*, sem prejuízo à sua formação.

Ou seja, o próprio Freud é quem escreve com todas as letras que um psicanalista não precisa ter formação acadêmica (*pasmem!*). Entretanto, ele se justifica e nos informa, em seguida, que o conteúdo que o futuro analista necessita, ao menos teoricamente, pode ser obtido na literatura especializada e aprofundado nas reuniões científicas das sociedades psicanalíticas, assim como na troca de ideias com colegas mais experientes em grupos de estudos.

Quanto à experiência prática, temos dois pontos a serem abordados.

O primeiro deles diz respeito ao que se aprende na análise pessoal e, *somente pela via da análise pessoal*, pois um analista de verdade se forma pelo divã, atravessando os próprios fantasmas, desvelando suas inverdades e havendo-se com seus desejos – quando identificados, evidentemente.

Diga-se de passagem, aliás, essa é a parte *mais custosa* da formação psicanalítica – e não me refiro aqui somente às questões financeiras que, em nosso país, ainda são uma ferida a ser tocada, tendo em vista o fato de que algumas sessões de análise, com *profissionais famosos*, passam da casa dos mil reais,

colocando em xeque a clássica assertiva lacaniana: “*é preciso bancar o desejo para sustentar uma análise*”. Sei...

Pois bem, o segundo ponto se refere à prática clínica propriamente dita. Ou seja, ao iniciar o atendimento de pacientes, após uma longa e considerável trajetória teórica e de análise pessoal, o profissional em formação deve se submeter a aconselhamento e supervisão de colegas já reconhecidos por sua atividade analítica. Aqui, faço uma ressalva pessoal: recomendo veemente a participação em *seminários clínicos* ou em *grupos de supervisão de casos* antes mesmo de iniciar os atendimentos.

Para analisar alguém, é preciso saber escutar. E, vamos combinar que, na nossa cultural atual, é o que as pessoas menos fazem. Cada um quer falar de si e expor os seus problemas, mas, quando somos colocados na condição de ouvintes, logo nos distraímos, mexemos no celular e, mesmo que de modo inconsciente, julgamos a fala do outro como *desinteressante*.

Ora, se eu fosse contar as vezes em que o supervisor teve que solicitar à turma *silêncio e paciência* para que o aluno que estava ali apresentando o caso pudesse terminar de contá-lo inteiramente, levando em consideração todas as trezentas mil horas de seminários clínicos que já participei na minha vida, certamente eu precisaria de uma equação matemática para encontrar o número correto.

Novamente reitero: o candidato à analista tem que saber escutar, isto é, *cultivar* um dispositivo psicanalítico que se atente ao discurso do outro, que, na maioria das ocasiões, não aparece tão bem estruturado quanto

a expectativa do jovem aspirante. Trata-se de escutar com a alma, permitir ser afetado e, simultaneamente, saber filtrar o que será bom ou não de ser lançado naquele momento do encontro de *dois inconscientes*.

Freud dirá que, a partir do momento em que uma universidade se dispõe a implantar o ensino da psicanálise em sua matriz curricular, ela deve se perguntar *onde e de que forma* vai sustentar tal empreitada. Como exemplo, Freud menciona alguns fatos que justificam a importância da psicanálise na totalidade da formação *médica e acadêmica*:

- 1) O autor denuncia que *nas últimas décadas* (e estamos falando de 1919!) a formação em medicina tem sido *justamente criticada* pela visão *unilateral* com que orienta os estudantes. Ou seja, muito se ensina sobre anatomia, fisiologia, química, física e biologia, enquanto os fatores psíquicos (e subjetivos) são excluídos das diversas funções vitais, inclusive da compreensão do ser humano em sua totalidade. Essa lacuna vai denunciar um *déficit* do profissional médico, e a consequência será, por um lado, o desinteresse pelos problemas mais complexos da vida, seja sadia, seja enferma, e, por outro, a incapacidade de escutar o paciente, “*de modo que até mesmo charlatões e curandeiros terão mais influências sobre ele*”.³

Concordo totalmente com Freud, e não preciso ir tão longe para explicar os motivos para tal. Recentemente, minha avó, uma senhora de 77 anos diagnosticada com câncer em estágio inicial e felizmente curada por intermédio de uma cirurgia bem-sucedida, foi obrigada a fazer alguns exames de rotina, e um deles consistia em um procedimento bastante invasivo que exigia muita delicadeza e acuidade do profissional.

Bom, o que ocorre é que o médico em questão perdeu a paciência com a minha avó e acabou gritando com ela em seu consultório – conduta que a deixou muito emocionalmente desestabilizada. Ah, convém destacar que nessa mesma consulta ele sequer quis saber do histórico de sua paciente, mantendo uma postura fria e distante. Isso não significa, em hipótese alguma, que, caso ele tivesse estudado psicanálise, isso não aconteceria. No entanto, penso que a psicanálise pode, sim, oferecer uma visão mais abrangente do sujeito, principalmente no que tange às formas de subjetivação que ultrapassam o limite da unidade fisiológica.

Levando em consideração que, atualmente, a medicina se respalda cada vez mais em manuais ortodoxos e na intervenção farmacológica, seria no mínimo interessante que os médicos construíssem um olhar mais sensível (e consistente) da dupla “*psique/soma*” que integra o nosso eu.

Isso certamente nos auxiliaria a aperfeiçoar uma

prática que superasse as bordas do corpo e nos levasse a tocar, com sutileza, os núcleos da alma.

- 2) A preparação para o estudo da *psiquiatria* é outra função da psicanálise mencionada por Freud. O autor afirma que, naquela época (*e ainda hoje?*), a psiquiatria era de caráter meramente descritivo; apenas ensinava “o estudante a reconhecer uma série de quadros clínicos, capacitando-o a distinguir quais deles são incuráveis e quais são perigosos para a comunidade”.⁴

Freud novamente denuncia a ausência de uma visão que possa ir além do orgânico, por exemplo, a *observação dos fatos*. Algo muito sutil, mas que ele prezou desde o início do desenvolvimento de sua obra: atentou-se aos sonhos, às piadas, aos esquecimentos, aos lapsos de linguagem, aos atos falhos etc. – ou seja, às pequenas coisas do cotidiano que a gente ignora justamente por serem irrelevantes.

Durante meus primeiros anos de *estudos em psicanálise*,⁵ recordo-me de vários professores psiquiatras que passaram por nossa turma.

⁴ *Ibidem*, p. 380.

⁵ Gostaria de salientar o uso que fiz do termo “estudos em psicanálise”, pois não acredito que exista uma formação em psicanálise. Nenhum analista, a meu ver, pode se julgar “pronto” e suficientemente preparado após concluir um curso de formação em algum instituto. Os estudos, a análise pessoal e a supervisão são atividades permanentes – o que me faz pensar e dizer aos meus alunos, **TRANSFÉRENCIA, ADOÇÃO DE PSICANÁLISE COMO PROJETO DE VIDA**